

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v5n1a2024.6>



Título

Entre “figuras austeras” e “espíritos de sacrifício”: manifestações nazi-fascistas em jornais de Ribeirão Preto/SP na década de 1930

Autores

Yuri Araujo Carvalho

Rodrigo de Andrade Calsani

Ano de publicação

2024

Referência

CARVALHO, Yuri Araujo; CALSANI, Rodrigo de Andrade. Entre “figuras austeras” e “espíritos de sacrifício”: manifestações nazi-fascistas em jornais de Ribeirão Preto/SP na década de 1930. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, 2024.

Recebimento: 06/02/2024

Aprovação: 20/06/2024

ENTRE “FIGURAS AUSTERAS” E “ESPÍRITOS DE SACRIFÍCIO”: MANIFESTAÇÕES NAZI-FASCISTAS EM JORNAIS DE RIBEIRÃO PRETO/SP NA DÉCADA DE 1930

BETWEEN “AUSTERE FIGURES” AND “SPIRITS OF SACRIFICE”: NAZI-FASCIST MANIFESTATIONS IN NEWSPAPERS IN RIBEIRÃO PRETO/SP IN THE 1930s

Yuri Araujo Carvalho*
Rodrigo de Andrade Calsani**

Resumo: O presente artigo procura analisar diversas manifestações (veladas e/ou efusivas) de apoio ao nazi-fascismo, presentes em jornais publicados na cidade de Ribeirão Preto, ao longo da década de 1930. Para tanto, debruçamo-nos sobre os aspectos teórico-conceituais do fascismo, articulando-os à realidade material formada por conjunturas mais abrangentes (atravessadas pelas revoluções europeias, pelo *Risorgimento* italiano e pelas conseqüentes ondas emigratórias peninsulares) e mais restritas (impactadas pela chegada de imigrantes italianos em Ribeirão Preto, os esforços citadinos em prol da “modernização” e o conseqüente surgimento de aparelhos jornalísticos locais). A partir de tais articulações, procuramos desvelar nas fontes (extraíveis de edições dos impressos “Diário da Manhã”, “A Tarde” e “Diário de Notícias”) expressões de enaltecimento dos líderes Hitler e Mussolini, elogios a princípios e empreendimentos teórico-econômicos nazifascistas, apologias à xenofobia e ao antissemitismo, assim como divulgações de manifestações nazifascistas na cidade de Ribeirão Preto.

Palavras-chave: Imigração italiana; Nazi-fascismo; Imprensa.

* Mestrado em História pela UNIOESTE. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: yuri.araujo@baraodemaua.br

** Mestrado em História pela UNESP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: rodrigo.calsani@baraodemaua.br

Abstract: This article seeks to analyze various manifestations (veiled and/or effusive) of support for Nazi-fascism, present in newspapers published in the city of Ribeirão Preto (São Paulo), throughout the 1930s. To do so, we focus on the aspects theoretical-conceptual aspects of fascism, articulating them to the material reality formed by more comprehensive conjunctures (crossed by the European revolutions, the Italian Risorgimento and the consequent peninsular emigration waves) and more restricted (impacted by the arrival of Italian immigrants to Ribeirão Preto, city efforts in favor of “modernization” and the consequent emergence of local journalistic devices). From such articulations, we seek to uncover in the sources (extractable from editions of the printed matter “Diário da Manhã”, “A Tarde” and “Diário de Notícias”) expressions of praise for the leaders Hitler and Mussolini, praise for theoretical-economic principles and undertakings Nazi-fascists, apologies for xenophobia and anti-Semitism, as well as publicity of Nazi-fascist demonstrations in the city of Ribeirão Preto.

Keywords: Italian immigration; Nazi-fascism; Press.

INTRODUÇÃO: ECOS DA “ERA DAS REVOLUÇÕES”

Os “ecos” da Revolução Francesa (Vovelle, 1989) permearam o cenário europeu ocidental durante a segunda metade do século XIX. As ondas revolucionárias foram ações cotidianas de atores sociais com pensamentos e ações distintas. A França sentia, ainda, os reflexos da revolução burguesa com as desigualdades sociais e econômicas latentes. Neste contexto, a Europa caminhava para um momento crítico com diversas reações liberais, socialistas, entre outras (Hobsbawm, 1996).

É ao longo do tempo que se aprecia a dimensão real do acontecimento que encerra o Século das Luzes. [...] A diversidade das contribuições propostas deixa, incontestavelmente, a impressão de um canteiro amplamente aberto, tanto numa perspectiva geográfica quanto temática (Vovelle, 1989, p. 25-26).

Dessa forma, Bélgica, Polônia, Suíça, Alemanha, Itália, entre outros países, protagonizaram suas revoluções concomitantemente ao

desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial em algumas regiões da Europa, América do Norte e Ásia. Nesses países recém industrializados, o operário passou a ser protagonista de ações sociais sustentadas pelos sindicatos que surgiam naquele período histórico. Para esse ator social, era necessária a busca de uma ordem social igualitária. Saint Simon, Robert Owen, entre outros, defendiam uma reformulação para superar os problemas sociais do período. Em 1848, por exemplo, os ideais de liberdade e igualdade herdados do Iluminismo e da Revolução Francesa foram retomados, porém as necessidades de mudanças sociais favoreceram o surgimento do socialismo científico de Marx.

O contexto era propício para a convulsão dos trabalhadores, pois a Europa sofria com a carestia oriunda de uma crise agrícola, na qual fez migrar muitos camponeses para as cidades. Houve uma queda significativa no consumo, ocasionando desemprego e fome, e assim, milhares de trabalhadores aderiram aos levantes contra o sistema liberal e à crise capitalista. As guerras de 1848 foram as responsáveis pela difusão de outras revoluções em boa parte da Europa. A Unificação Italiana (1861) foi uma consequência desse caos social permanente e que perduraria por décadas até o surgimento do governo de Mussolini.

A Itália era formada por vários reinos e, dessa forma, o *Risorgimento*¹ teria que trazer o sentimento de nação para os indivíduos da península itálica. Segundo Gramsci:

O *Risorgimento* trata-se do processo de constituição da Itália moderna e, esquematicamente, pode ser dividido em quatro fases: 1ª 1815-1847, sob a influência da Revolução Francesa, é colocada em circulação uma ideologia liberal-nacionalista, o que prepara um ambiente moral e intelectual; 2ª 1848-1849, eclodem diversos movimentos republicanos de duração pequena, abandona-se a unificação que seria dirigida por um Papado liberal; 3ª 1850-1861, a política “moderada” afirma-se progressivamente, sob o comando de Camillo

¹ Iniciado por volta de 1815, o movimento levou à Unificação Italiana, fazendo da Península um organismo político independente com base nacional no ano de 1861.

Benso di Cavour, Garibaldi e da nobreza da Casa de Savóia, do reino Piemonte-Sardenha; 4ª 1861-1870, esta é o momento da unificação e da consolidação estatal, são anexadas Veneza (1866) e Roma é ocupada (1870) (Gramsci, 2002, p. 355).

Tal processo de unificação não contou com a participação popular, mas apenas com uma minoria detentora do poder econômico.

Essa minoria, que conduziu o movimento unitário, na realidade se preocupava mais com interesses econômicos do que com fórmulas ideais e combateu mais para impedir que o povo interviesse na luta e transformasse em luta social (no sentido de uma reforma agrária) do que contra os inimigos da unidade. Ou seja, o fato de não ter sido realizada a reforma agrária em um país composto em sua ampla maioria por camponeses, aponta para o sentido do *Risorgimento* como a revolução passiva (Gramsci, 2002, p. 40).

Neste contexto de realidade social, muitos italianos (e também outras etnias) resolveram migrar para regiões da América economicamente mais favoráveis. A Europa marcada por uma profunda crise econômica, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, gerou a falta de comida e emprego. O liberalismo econômico entrara em “xeque-mate”. Além disso, na Itália, a não participação popular direta no processo de construção da nova nação italiana fez expandir novas ideias políticas no início do século XX, com o surgimento do fascismo, liderado por Benito Mussolini (1919), e que, posteriormente, seria adotado na Alemanha com o nazismo de Hitler.

O fazer “América”

O *fazer América* foi a solução imediata para trabalhadores comuns e com subempregos, desempregados e também para o Estado Italiano. No período de 1903 a 1920, a emigração italiana para a América demonstrou uma média anual de 198.962 italianos que desembarcavam nos Estados Unidos, 52.970 na Argentina e 17.036 que aportavam em

terras brasileiras. O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por revoltas, processo da unificação italiana, imperialismo na África e as duas Guerras Mundiais; de um total de 4.903.991 imigrantes que passaram a conviver e trabalhar em território brasileiro, destaque para a participação italiana e portuguesa com 30,9% e 29,8%, respectivamente (Tabela 1).

**MOVIMENTO IMIGRATÓRIO GLOBAL PARA O BRASIL
VÁRIAS ETNIAS – NÚMEROS DE IMIGRANTES (1819/1947)**

Alemães	253.849 (5,2%)	Suecos	6.315
Austríacos	94.453	Suíços	18.031
Belgas	7.335	Sírio-libaneses	79.509
Franceses	12.103	Húngaros	7.461
Espanhóis	598.802 (12,2%)	Poloneses	50.010
Ingleses	32.156	Iugoslavos	23.053
Italianos	1.513.151 (30,9%)	Lituanos	28.961
Japoneses	188.622	Romenos	39.350
Portugueses	1.462.117 (29,8%)	Tchecos	5.640
Russos	123.727	Diversos	347.354
Total			4.903.991 (100%)

Fonte: Imigração e Colonização no Brasil (Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil).

A crise econômica foi intensa em várias regiões italianas, o arroz era importado do Oriente, o trigo da Rússia e da América do Norte; além disso, havia a carência da industrialização regional e da mão de obra qualificada. A insuficiência de tecnologia ocasionou também o aumento de pragas que atacaram as plantações de pimenta preta, vinhedos, arrozais e oliveiras. O cenário era desesperador.

A miséria! Esta é a causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial. [...] A fuga, inclusive a pé, em pleno inverno, para chegar ao porto de embarque - Gênova - envolvia aldeias inteiras e podia assumir aspectos de verdadeira libertação [...] (Trento, 1989, p. 18).

No período da Unificação Italiana, o índice de analfabetismo estava próximo de 70%. O ensino era dividido em duas etapas: inferior e

superior, cada um com dois anos de duração. O ensino de etapa inferior era gratuito, mas o superior não. Era concedido o direito ao voto somente aos cidadãos letrados, o que mostra o impedimento real democrático do italiano no processo eleitoral, além da manutenção de uma aristocracia que detinha o poder e o destino de milhões de italianos (Bigazzi, 2006).

A emigração para o italiano tornou-se a possível saída para os problemas sociais e econômicos. Como o governo italiano ainda não havia assumido o processo imigratório, a contratação do emigrante era intermediada pelas companhias de navegação e os agentes de emigração. A cada imigrante que comprasse sua passagem para o continente americano, o agente recebia uma comissão, um percentual da companhia de navegação. Além de contratar a mão de obra necessária, o agente teve também como estratégia instigar, seduzir, criar um imaginário nos italianos aptos a uma nova vida, com o discurso de que o Brasil era o lugar perfeito com espaço para todos poderem ter a sua terra, sua plantação, sua comida, sua vida de volta e a oportunidade de crescer economicamente (Hutter, 1972).

As condições ambientais (com o clima e solo propícios), políticas (por meio de incentivos governamentais) e também com as *propagandas* dos cafeicultores favoreceram para a chegada contínua de trabalhadores italianos à região de Ribeirão Preto (Alta Mogiana), no final do século XIX e no início do século XX.

Após a fundação da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, em 1883, a região da Alta Mogiana deixou de ser considerada *grande sertão*, ou apenas o caminho para os Goyazes, para também fazer parte de uma economia dinâmica e múltipla, com interesses dos setores público e privado.

Em 23 de novembro de 1883, com o aplauso e o júbilo dos ribeirão-pretanos, teve lugar a inauguração do prolongamento da via-ferrea Mogiana, de Casa Branca

a esta cidade, sendo iniciada para a mesma uma novel phase de actividade, vigor e progresso. Presidia nessa epocha os destinos dessa empresa o sr. Dr. Antonio de Queiroz Teles, conde de Parnahyba, que, comprehendeu o futuro que aguardava esta zona, quando cortada pela via-ferrea.²

O Brasil passava por um período de modernização se comparado com o período colonial:

[...] o país teve na metade final do século XIX um período de modernização significativo. [...] foram criadas 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transportes urbanos, 2 de gás, e finalmente, 8 de estradas de ferro (Mello, 2009, p. 38).

O município de Ribeirão Preto rumava, então, para a *marcha do progresso* e do acúmulo de capitais, com melhorias no transporte, no setor urbano, com o aumento da mão de obra europeia e nas diversidades comerciais.

O progresso e a acumulação de capitais eram mais intensos na atividade cafeeira, e os fazendeiros do Oeste de São Paulo passam a substituir, gradualmente, o trabalho escravo pelo livre. Isto libera novos capitais, antes imobilizados na compra de escravos e incentiva ainda mais as atividades econômicas. O desenvolvimento econômico, ao propiciar um acúmulo de capitais nas mãos dos fazendeiros, ao desenvolver o setor manufatureiro e as atividades comerciais e de transportes ferroviários, é acompanhado, necessariamente, de um crescimento dos centros urbanos, sede de muitas dessas atividades. Algumas cidades crescem - aquelas próximas aos centros produtores de café, os portos de importação e exportação - outras nascem, ao longo das linhas férreas que acompanham a marcha do café, outras quase desaparecem, ligadas que estavam a antigos caminhos de café [...]. A ferrovia facilitando as comunicações das áreas rurais com as cidades, leva os grandes proprietários, especialmente das regiões mais novas do café - o Oeste - a viverem nas cidades (Casalecchi, 1989, p. 21-23).

² ALMANACH ILUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO - 1913. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, caixa 18.

Com a expansão da ferrovia, mercadorias, imigrantes, moda, informações, formas de pensamento, entre outras, passaram a coexistir no cotidiano da sociedade ribeirão-pretana. Alguns italianos traziam sua experiência profissional, mas também intelectual. Tendências políticas distintas - anarquismo, socialismo, comunismo e fascismo - consolidaram o cotidiano político ribeirão-pretano e os jornais da época.

SOBRE O CONCEITO DE “FASCISMO”

É imperioso que apresentemos, mesmo que sucintamente e atentos às suas polissemias intrínsecas, algumas das principais características atinentes ao conceito de “fascismo”, conforme a literatura especializada. Segundo Norberto Bobbio e Edda Saccomani, existem três usos e/ou significados principais para o termo: o núcleo histórico original (formado pelo fascismo italiano), as ramificações internacionais (com a consolidação do nacional-socialismo alemão) e os movimentos ou regimes que carregam consigo similitudes ideológicas e organizacionais com relação ao chamado “fascismo histórico” (Bobbio; Saccomani, 1998, p. 466). Ainda de acordo com os autores:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planejada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de

comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (Bobbio; Saccomani, 1998, p. 466).

O caráter de massas, acrescido das articulações imperialistas e da arregimentação das classes médias pelo movimento, também foram discutidos por Wilhelm Reich, para quem o fascismo não seria uma obra exclusivamente derivada dos esforços individuais de Mussolini e de Hitler, mas também uma “concepção de vida e uma atitude perante o homem, o amor e o trabalho” (Reich, 1972, p. 17-18). Ainda em conformidade com o autor:

A própria existência de um movimento fascista constitui uma expressão social indubitável do imperialismo nacionalista. Mas é o movimento de massas da classe média que possibilita a transformação desse movimento fascista num movimento de massas e a sua subida ao poder que vem cumprir a sua função imperialista. Somente levando em consideração estas oposições e contradições, cada uma de per si, é que se pode compreender o fenômeno do fascismo (Reich, 1972, p. 54).

Por sua vez, Robert Paxton assevera que o fascismo, “eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza” (Paxton, 2007, p. 358-359). Ainda de acordo com o autor, o fascismo aglutina múltiplas “paixões mobilizadoras”, baseadas em um senso de crise catastrófica, na primazia do grupo – alinhada à subordinação dos indivíduos –, na necessidade de estreitas integrações endógenas para a formação de comunidades mais “puras”, na necessidade da autoridade de chefes naturais e superiores (via de regra, masculinos), no enaltecimento da eficácia da vontade e da violência contra inimigos internos e externos, no direito do “povo eleito”

de dominar os “povos inferiores”, entre outras (Paxton, 2007). Alguns dos princípios supracitados serão desvelados nas fontes impressas publicadas por jornais ribeirão-pretanos ao longo da década de 1930.

O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA RIBEIRÃO-PRETANA

A cidade de Ribeirão Preto sofreu drásticas transformações entre o final do século XIX e a década de 1930, impulsionadas pela cultura do café e pelo robustecimento do modo de produção capitalista no interior (Doin *et al*, 2007; Rocha; Zauith, 2014). O município recebeu a chegada da ferrovia Mogiana, melhoramentos públicos, códigos de posturas e influências culturais europeias (Paziani, 2005), catalisando os setores de serviços (escolas de níveis primário e secundário, faculdades de farmácia e odontologia, instituições de ensino técnico e hospitais), de indústrias (tanto que, na década de 1920, empresários locais chegaram a construir a primeira siderúrgica elétrica latino-americana) e do comércio (entre as décadas de 1910 e 1940, o número de estabelecimentos de venda a varejo e atacado cresceu de 255 para 577) (Walker, Barbosa, 2000).

A maciça chegada de imigrantes (majoritariamente italianos) também contribuiu para as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais na urbe. Enquanto a população ribeirão-pretana em 1874 era de 5 mil habitantes, em 1900 cresceu para cerca de 59 mil moradores – sendo que, no período, ingressaram na cidade mais de 19 mil imigrantes, principalmente italianos (Rocha, Zauith, 2014; Tuon, 2010). Entre 1920 e 1940, a população ribeirão-pretana saltou de 68 mil para cerca de 79 mil habitantes – embora o número de italianos tenha sido reduzido de 10 mil para 4 mil no mesmo período (Walker; Barbosa, 2000). Tais oscilações são explicadas por Walker e Barbosa nos seguintes termos:

Em 1912, mais de 40% da população era estrangeira e praticamente 60% desse segmento era de origem italiana. Nos censos subseqüentes, a quantidade de estrangeiros

decaiu paulatinamente para menos de 6%, em 1950. A causa principal dessa “brasilinização” da população era provavelmente biológica – por exemplo, o nascimento da primeira e da segunda gerações nacionais e a morte, a seu tempo, da maioria dos imigrantes. Há razões para se acreditar que, além de tornar-se mais populosa, mais urbana e mais brasileira, a população de Ribeirão Preto também tenha-se tornado mais alfabetizada (Walker; Barbosa, 2000, p. 47).

Tal incremento educacional pode ser comprovado pelos números, visto que em 1940 a cidade contava com cerca de 41 mil habitantes alfabetizados (Walker; Barbosa, 2000). Quanto ao público leitor dos impressos, podemos estabelecer o seguinte quadro comparativo: enquanto o jornal “O Repórter”, lançado por Juvenal de Sá em 1891, possuía tiragem de 2.700 exemplares bissemanais (A Saga..., 2019), o “Diário da Manhã”, jornal de maior circulação em Ribeirão Preto na década de 1950, chegou a ter uma tiragem de 12 mil exemplares diários (Sant’ana; Souza, 2016).

E por falar em imprensa, na mesma conjuntura, “despontaram estabelecimentos comerciais para atender os novos trabalhadores europeus e suas necessidades. A imprensa também se beneficiou das mudanças e manifestou um aspecto mais profissional no final do século XIX” (Rocha; Zauith, 2014, p. 43-44). Surgiram, portanto, os primeiros impressos considerados “negócios”, rompendo a efemeridade até então reinante:

Os impressos, por sua vez, eram de caráter político e opinativo, atuavam como porta-vozes da elite cafeeira. Caracterizavam-se como veículos partidários. Noticiavam a farta produção do café, as exportações e greves dos colonos, mas não publicavam os maus-tratos aos imigrantes nas lavouras de café. As facções políticas tinham a imprensa como instrumento a seu favor não só em Ribeirão Preto, como também nos outros municípios da região. Durante a *belle époque* paulista, 9 dos 25 municípios abrigaram impressos (Rocha; Zauith, 2014, p. 52).

Antes do advento da chamada “imprensa de negócios”, grande parte dos impressos apresentava exíguo tempo de vida, e seus criadores eram constantemente ameaçados por desafetos locais. O primeiro impresso ribeirão-pretano foi “A Lucta”, surgido em 1884 e dirigido por Ramiro Pimentel (Lages, 2016). Em 1903, Antônio Guimarães, “jornalista responsável pelo jornal ‘O Sorriso’, foi assassinado e seu jornal fechado pouco tempo depois. No ano seguinte, João de Moura, fundador do jornal ‘O Ribeirão Preto’, foi morto pauladas por ‘desagradar os poderosos da cidade’” (Lages, 2016, p. 163-164).

Entre 1896 e 1897, circulou pela cidade *L'Unione Italiana*, “escrito em italiano e destinado aos imigrantes que chegavam à região. O jornal dos imigrantes denunciava os maus-tratos que eram muito comuns, os protestos e as greves que os colonos realizavam contra os abusos praticados pelos fazendeiros” (Rocha; Zauith, 2014, p. 53). Também circularam em Ribeirão Preto outros efêmeros jornais destinados aos imigrantes italianos, tais como *Gazetta della Domenica* (1896), *La Tribuna* (1897), *La Canaglia* (1900), *Il Diritto* (1904), *Il Corriere Italiano* (1904-1905), *L'Eco Italiano* (1906), *Il Messagero* (1906), *Lo Scudiscio* e *La Voce degli Italiani* (1914) (Tuon, 2010). Tais jornais eram, via de regra, alinhados ao anarquismo e ao socialismo, “o que provocou grandes polêmicas, diante do conservadorismo da sociedade da época e do domínio político dos coronéis. Alguns tiveram problemas políticos e foram fechados em razão de processos judiciais” (Lages, 2016, p. 164-165).

Em 1897, o realizador Juvenal de Sá criou “O Jornal do Oeste”, de curta duração. Contudo, em 1898, o mesmo Sá fundou o “Diário da Manhã”, o primeiro jornal diário ribeirão-pretano, o qual foi transferido para Osório Corrêa em 1906, vendido para Sosthenes Gomes em 1909 e comprado pelo jornalista Costábile Romano em 1939 (França, 2013; Rocha; Zauith, 2014). Tratava-se de um tabloide de quatro páginas, “tamanho 37 x 49 cm, seis colunas, com conteúdo de notícias e

publicidades. As principais seções eram Cambio, Editaes Telegramas, Solicitadas e Miscellanea” (Rocha; Zauith, 2014, p. 64).

Em 1905, foi criado por Enéas Ferreira e Durval Vieira de Souza o veículo diário “A Cidade”, o qual manifestava compromisso com os poderes locais. Em 1910, o impresso foi vendido para Rodolpho de Paiva Guimarães, sendo posteriormente controlado pelo coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira. Entre 1923 e 1935, o jornal passou pelas mãos de Renato Barillari, Francisco Augusto Nunes, Mário Barillari e João Palma Guião, sendo comprado definitivamente por Orestes Lopes de Camargo em 1936 (França, 2013). Tratava-se de um tabloide de quatro páginas, tamanho 66 x 48 cm e sete colunas “que se dividiam em notícias e publicidades. Dentre as seções destacam-se Sociaes, Agradecimentos, Theatros, Telegramas, Miscellanea, Loteria Federal, e notícias de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Câmara Municipal” (Rocha; Zauith, 2014, p. 65).

Com a fundação dos impressos “Diário da Manhã” e “A Cidade”, o jornalismo ribeirão-pretano passou a consolidar um perfil simultaneamente mais profissional e alinhado aos interesses coronelísticos locais:

Se, por um lado o Diarrio da Manhã atendia às vontades políticas dos membros ligados a Francisco Schmidt, por outro, A Cidade representava os interesses dos grupos políticos liderados pelo fazendeiro Joaquim da Cunha Diniz. Interessante notar que ambos eram ligados ao PRP, entretanto, disputavam internamente o poder de representar o partido na região de Ribeirão Preto. Portanto, nesse período, a política local era marcada pela atuação dos coronéis, os quais controlavam as instituições públicas e privadas. Seja no campo ou na cidade, o poder estava nas mãos destes homens que detinham altíssimo prestígio econômico e político, o que lhes possibilitava comprar e/ou fechar jornais, revistas, almanaques, sempre de acordo com seus interesses. Assim, tais personagens acabaram dominando - quando não, manipulando - a imprensa, que se mantinha sob seus frequentes cuidados (França, 2013, p. 79).

Durante a chamada Primeira República (1889-1930), predominou em Ribeirão Preto o jornalismo “opinativo e panfletário, representando interesses políticos do poder local. A imprensa como porta-voz dos operários e dos imigrantes existiu, mas não com tanta força como a dos [...] impressos regionais que se consolidaram na *belle époque* caipira” (Rocha; Zauith, 2014, p. 65)³. Além do “Diário da Manhã” e de “A Cidade”, também surgiram os impressos “A Tarde” e “Diário de Notícias”.

Fundado pelo capitão José Osório Junqueira em 1919, o vespertino “A Tarde” agrupou entre seus primeiros redatores Aristides Mota e diversos profissionais de classe média (advogados e professores, por exemplo). Em 1940, Junqueira vendeu o impresso para Antônio Machado Sant’Anna e Onésio da Motta Cortez (França, 2013).

Já o “Diário de Notícias” foi criado por José da Silva Lisboa e Osório Camargo em 1928. Em seus primeiros anos, o impresso sofreu crises econômicas, as quais levaram Lisboa a “vender a seu pai todos os equipamentos e utensílios do matutino, de modo a arrecadar dinheiro para não fechar o impresso. Assim, o jornal passou a integrar o patrimônio da família” (França, 2013, p. 90). Em 1943, a família Lisboa vendeu o jornal para o professor Oscar de Moura Lacerda.

³ A *Belle Époque* caipira, de acordo com José Evaldo de Mello Doin, Humberto Perinelli Neto, Rodrigo Ribeiro Paziani e Fábio Augusto Pacano, era constituída pela “ação de uma elite desejosa de modernizar-se. Desobrigados de qualquer ética, derribavam as matas, levando destruição, morte e grilagem às terras férteis do sertão. Tal qual verdadeiros flibusteiros, adentravam a hinterlândia e agiam com violência, amparados na legitimidade de um discurso constituído a partir da significação social positiva atribuída ao moderno. Assim, o café seguia impávido, ladrilhando as localidades outrora semeadas e levando os trilhos e silvos das locomotivas em seu rastro. Rápido, então, lugarejos cresciam e tomavam forma de cidades, tornando-se, assim, centros bafejados pela força da grana que construía e destruía coisas belas, um verdadeiro admirável mundo, que mesclava sem possibilidades de separação o arcaico e o novo. Era nesse contexto que as ambivalências da própria modernidade se somavam às contradições de um país e de um povo forjado sob o sopro da bricolagem e da imposição do poder público” (Doin et al., 2007, p. 95).

EXPRESSÕES DO FASCISMO EM JORNAIS RIBEIRÃO-PRETANOS DURANTE A DÉCADA DE 1930

Em 1929, ocorreu a quebra da Bolsa de Nova York, o que equivaleu ao colapso das finanças globais, com quedas dos indicadores econômicos e elevação dos índices de desemprego a níveis astronômicos (Hobsbawm, 1995). Ainda de acordo com o historiador britânico:

Houve uma crise na produção básica, tanto de alimentos como de matérias-primas, porque os preços, não mais mantidos pela formação de estoques como antes, entraram em queda livre. O preço do chá e do trigo caiu dois terços, o da seda bruta três quartos. Isso deixou prostrados — para citar apenas os nomes relacionados pela Liga das Nações em 1931 — Argentina, Austrália, países balcânicos, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Egito, Equador, Finlândia, Hungria, Índia, Malásia britânica, México, Índias holandesas (atual Indonésia), Nova Zelândia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, cujo comércio internacional dependia em peso de uns poucos produtos primários. Em suma, tornou a Depressão global no sentido literal (Hobsbawm, 1995, p. 77-78).

Em Ribeirão Preto, a década de 1930 marcou o início de um longo processo econômico de transição da agricultura de exportação para a produção destinada ao mercado interno, com crescimento do setor industrial; além disso, e “juntamente com o processo de loteamento das grandes fazendas, houve o crescimento dos cultivos da cana-de-açúcar, do algodão, do arroz, dalaranja, da soja e a expansão da pecuária” (Pires, 2004, p. 2).

Politicamente, a vida partidária ribeirão-pretana continuou intensa – muito por conta dos desdobramentos da ascensão varguista (1930-1945): “Partido Republicano Paulista, Ação Integralista Brasileira, Partido Democrático, Partido Comunista, Partido Constitucionalista – um pluripartidarismo verdadeiro entrava pela primeira vez na nossa vida política” (Lages, 2016, p. 200). Com relação às influências fascistas, Ribeirão Preto chegou a receber o integralista Plínio Salgado em 1933;

além disso, “viam-se no jornal ‘A Cidade’ elogios rasgados a Hitler e Mussolini. Ribeirão logo se transformou em eixo das ações integralistas para todo o oeste do Estado” (Lages, 2016, p. 202).

Em tal conjuntura, pudemos mapear nos jornais citadinos expressões do fascismo ligadas, principalmente, às seguintes temáticas: a) enaltecimento dos líderes (Hitler e Mussolini); b) elogios aos princípios teóricos e às realizações econômicas fascistas; c) apologias à xenofobia e ao antissemitismo; d) divulgações de manifestações fascistas na cidade – ou mesmo combinações de todos os itens apontados.

Em 16 de março de 1936, o jornal “A Tarde” publicou uma coluna intitulada “A Itália antes e depois de Mussolini”. De acordo com o texto, a Itália, desde as lutas de unificação iniciadas em 1860, teria decaído por conta das crises políticas e sociais; “o número dos ‘sem trabalho’ crescia assombrosamente. A indústria e o comércio desmoralizados. Operários e camponeses embebidos em ideias socialistas viviam em constantes greves, procurando reivindicar seus direitos” (A Itália..., 1936). Em meio aos clamores da plebe “indigente e oprimida”, surgiu Benito Mussolini, apresentado como um “homem dotado de espírito agudo e perspicaz, cérebro povoado de ideias novas [que] se levantou para redimir sua pátria”, detentor de um “auspicioso espírito realizador” (A Itália..., 1936). Com a diminuição do desemprego e a pacificação dos rebeldes, o “Duce” teria estabelecido a “unidade nacional”: “não cessou de trabalhar, de lutar. Regulariza as finanças. Fomenta o comércio e a indústria. Desenvolve a marinha, o exército e a aviação. Cria usinas elétricas, cidades e estradas de ferro” (A Itália..., 1936). Em seu fechamento, a coluna asseverava:

E a Itália agora querendo buscar abrigo para o seu povo já demasiadamente crescido e evoluído, assume atitudes francamente imperialistas, e certa dessa vitória na África, em breve proporcionará a seus filhos melhores dias, maior campo de acção, mais amplo terreno para sua expansão. E a Itália hontem sem fôlego, acanhada, fraccionada

pelas ideias banaes, hoje forte e competível à qualquer nação do mundo civilizado. Tudo isso obra de um grande homem, de um chefe audacioso: Mussolini (A Itália..., 1936).

O artigo, em linhas gerais, promovia a glorificação da figura de Mussolini e de suas realizações. Segundo Paxton, “na propaganda fascista, e também na imagem que a maioria das pessoas faz dos regimes fascistas, o líder e o partido fundem-se numa manifestação única da vontade nacional” (Paxton, 2007, p. 217). Já para o semiólogo Umberto Eco, a mitologia em torno do “líder heroico” enquadrava o “Duce” enquanto um ser excepcional: o líder, “que sabe muito bem que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força se baseia na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um ‘dominador’” (Eco, 2018, p. 53).

Além disso, o artigo continha alusões aos projetos expansionistas italianos na África, ou seja, às invasões fascistas deflagradas contra a Etiópia em 1935, as quais transformaram o território africano em uma colônia italiana entre 1936 e 1941 (Hobsbawm, 1994). Para Andrea Giardina, o chamado “mito fascista da romanidade” encontrou seu apogeu justamente na expansão imperialista contra os etíopes:

A conquista da Etiópia representou, na Itália, o momento de maior consenso para o regime, e, igualmente, o momento de maior sucesso do mito da romanidade. As empresas dos novos legionários italianos pareciam, com efeito, sancionar a validade da promessa, baseada na relação entre disciplina e poder, que os fascistas fizeram aos italianos desde o início: a ditadura aparecia agora concretamente justificada pela história e a ideia de nação tomava decididamente um caráter romano-imperial. O imperialismo fascista, como herdeiro e êmulo do imperialismo romano, pretendia distinguir-se dos demais. Os italianos, dizia-se, possuíam a mesma fecundidade exuberante dos antigos romanos: por várias décadas após a Unidade, foram obrigados a emigrar e a serem explorados pelas nações mais ricas, as mesmas que negavam à Itália o direito à expansão colonial. O

renascimento do império punha fim a essa injustiça e dava, finalmente, vazão à sua população exuberante: para os italianos, as colônias não eram, como para os outros povos, terras a serem exploradas e roubadas, mas zonas de estabelecimento, a serem valorizadas com o trabalho nos campos (Giardina, 2008, p. 65).

Em sentidos análogos, o “Diário de Notícias” publicou, em 14 de junho de 1933, o texto “A nova Itália”, assinado por A. Júlio Murdocco. De acordo com o autor, a Itália, antes de ser governada pelo fascismo, seria uma “nação agonizante”, à beira de uma “catástrofe imediata”, invadida por “diversos partidos extremistas” (Murdocco, 1933). Teria surgido, então, a “austera e impressionante figura de Mussolini, o maior estadista contemporâneo, que victoriosamente tem alcançado o seu *desideratum*” (Murdocco, 1933). O “Duce”, conforme o cronista, teve a “suprema glória de ter salvado um país das mãos de políticos inábeis e com deficiente largueza de espírito nacionalista” (Murdocco, 1933).

Em contornos próximos, o “Diário da Manhã”, em 23 de março de 1935, publicou o texto “Uma data gloriosa da Itália: em 23 de março de 1919, Benito Mussolini installou na terra dos Césares o actual regime progressista da grande nação amiga”. Novamente, afirmava-se que antes da ascensão do fascismo reinavam, na Itália, a subversão, a desordem e o retrocesso. Mussolini, então, teria enfrentado “epicamente o derrotismo reinante e repoz a valorosa terra dos Césares no rythmo progressista de que, pela sua tradição e pela sua importância no concerto das principaes nações europeias, sempre se fez merecedora” (Uma data..., 1935).

Em ambos os textos, são observados o senso de crise catastrófica, o nacionalismo chauvinista e o culto às tradições enquanto valores umbilicalmente ligados ao fascismo. Sobre o senso de crise catastrófica, Robert Paxton demonstra que o fascismo deve ser definido como um comportamento político baseado na preocupação obsessiva com a humilhação e a decadência da comunidade-vítima, diametralmente

opostas aos cultos compensatórios de pureza, de energia e de unidade, catalisados por um partido nacionalista-populista (Paxton, 2007).

Quanto ao nacionalismo chauvinista, Leandro Konder constata que a nação italiana era complexa e marcada por conflitos internos profundos, quando Mussolini “fez dela um mito, atribuindo-lhe uma unidade fictícia, idealizada. [...] apresentou a Itália como uma ‘nação proletária’, explorada por outras nações” (Konder, 2009, p. 36).

Finalmente, o culto às tradições emerge no sentido de os fascismos procurarem em cada cultura nacional “os temas mais capazes de mobilizar um movimento de massas de regeneração, unificação e pureza, dirigido contra o individualismo e o constitucionalismo liberais e contra a luta de classes de esquerda” (Paxton, 2007, p. 76) – na Itália, tais cultos recorriam, principalmente, aos faustos da Antiguidade, com ápice nas figuras do Império Romano. Para Konder, os fascistas italianos se entusiasmaram com a ideia “de serem os herdeiros do antigo império romano, de César e de Augusto, e de ajudarem a relançar as bases da grandeza italiana no mundo, partindo do conceito religioso de ‘italianidade’” (Konder, 2009, p. 45).

Não apenas Benito Mussolini, mas também Adolf Hitler foi congratulado pela imprensa ribeirãopretana ao longo da década de 1930. Em 7 de maio de 1935, o “Diário da Manhã” publicou o texto “Um homem dinâmico: Hitler quer trabalhar mais e dormir menos”, no qual o “Führer” era apresentado ao público leitor como um “extraordinário homem”: querendo acelerar o “progresso de sua pátria, por quem, em dois anos e pouco, elle já fez prodígio, Hitler deseja não perder tempo dormindo para, só assim, reconquistar o que a Alemanha perdeu nos vários anos de sua apathia de após-guerra” (Um homem..., 1935).

Já em 12 de fevereiro de 1939, o “Diário de Notícias” publicou o texto “Um grande estadista”, no qual afirmava que a Alemanha, depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), encontrava-se em uma situação

“verdadeiramente deprimente”, até que Hitler – apresentado como dotado de “méritos”, “boa vontade” e “espírito de sacrifício” (Um grande..., 1939) – reabilitou o país, onde “admira-se a energia, a perseverança e a força de vontade” (Um grande..., 1939).

Em ambos os textos, é possível observar, novamente, o culto à personalidade do “líder supremo”. De acordo com Reich, “o *Führer* nacionalista é a personificação da nação. E só se estabelece uma ligação pessoal com esse *Führer* se ele realmente encarnar a nação em conformidade com o sentimento nacional das massas” (Reich, 1972, p. 59). Ainda de acordo com o autor:

Se ele [*Führer*] souber como despertar os laços afetivos da família, nos indivíduos das massas, ele será também uma figura do pai autoritário. Ele atrai todas as atitudes emocionais que foram num dado momento devidas ao pai, severo mas também protetor e poderoso. [...] Transpondo isto para a realidade social, é esta necessidade das massas populares da proteção de alguém que torna o ditador “capaz de conseguir tudo” (Reich, 1972, p. 59).

Extrapolando as figuras do “*Duce*” e do “*Führer*”, os jornais ribeirãopretanos também teceram elogios aos princípios teóricos e às realizações econômicas fascistas. Em 31 de agosto de 1933, o “Diário de Notícias” publicou o texto “Mentalidade nova”, assinado por A. Grellet. De acordo com o cronista, o “mussolinismo italiano” e o “hitlerismo alemão” promoveram transformações políticas, filosóficas, artísticas e científicas que “trouxeram consigo farta bagagem de expressões novas, linguagem que se ajusta aos princípios e ideias por eles inventados ou ressuscitados de remoto passado e postos novamente em circulação” (Grellet, 1933).

No texto, é possível constatar o paradoxo entre “tradicionalismo” (perceptível na “ressurreição do passado”) e “modernidade” (visível na “farta bagagem de expressões novas”) como uma das principais contradições do fascismo. Para Umberto Eco, os nazifascistas “adoravam a tecnologia, enquanto os pensadores tradicionalistas em geral a

rejeitam como negação dos valores espirituais tradicionais” (Eco, 2018, p. 46). No entanto, embora o nazi-fascismo “tivesse orgulho de seus sucessos industriais, seu elogio da modernidade era apenas o aspecto superficial de uma ideologia baseada no ‘sangue’ e na ‘terra’” (Eco, 2018, p. 46-47).

Em 24 de fevereiro de 1935, o “Diário de Notícias” publicou o texto “*Carta del Lavoro*”, assinado por Onésio da Motta Cortez, no qual o autor defendia o documento como medida “humana, inteligente e honesta”, visto que “depois da divisão dos latifúndios, eis que o fascismo, no intuito de evitar conflitos entre o trabalho e o capital, decreta a intervenção do sindicato trabalhista na administração capitalista, além de proteger os interesses e direitos do trabalhador” (Carta..., 1935).

A chamada *Carta del Lavoro* (ou Carta do Trabalho), assinada em 1927, era uma constituição corporativista, a qual “prometia que trabalhadores e patrões sentar-se-iam juntos na ‘corporação’ de seu ramo da economia e afogariam a luta de classes na descoberta de seus interesses em comum” (Paxton, 2007, p. 227). Na realidade, contudo, os órgãos corporativos “eram administrados pelos empresários, e as seções dos trabalhadores eram separadas e excluídas do convívio com as oficinas” (Paxton, 2007, p. 227).

Extrapolando o enaltecimento de figuras como Hitler e Mussolini e os elogios aos princípios teórico-econômicos fascistas, os jornais ribeirãopretanos também divulgaram textos nos quais havia apologias à xenofobia e ao antissemitismo. Em 1º de junho de 1935, o “Diário da Manhã” publicou o texto “Fascismo e hitlerismo”, assinado por Menotti del Picchia, defensor do fascismo como uma “força cósmica”, sendo os movimentos coordenados por Mussolini e Hitler “lógicos, locais, raciais, tradicionais, por isso mesmo radicados na alma dos respectivos povos” (Picchia, 1935). Ainda de acordo com Menotti del Picchia:

Hitler está certo. Hitler responde a um pathos racial. Sua violência é nietzscheana, embaza-se num sentimento severo da raça. A Itália, latina, é ágil, anarchica e plástica. Seu próprio fascismo é móvel, vivo, cheio de movimento, rico de rethorica faustosa. A Alemanha é geométrica, rígida, pesada e sólida. [...] Mas o hitlerismo, expressão viva do modo de ser de um povo, está mais firme do que nunca. O que pensamos, em mentalidade latina, ser arbítrio e violência é nelle regra alicerçada na consuetude e na força. A Alemanha sem Hitler não seria mais a Alemanha. Teria perdido sua alma (Picchia, 1935).

O texto acaba por louvar as manifestações de violência e de força com fundamentos raciais. Para Umberto Eco, o fascismo, em sua busca pelo consenso, exacerba o medo da diferença: “o primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra os intrusos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição” (Eco, 2018, p. 49-50). Por sua vez, as menções à “violência nietzscheana” não são totalmente desprovidas de sentido, uma vez que o fascismo “extraiu de Nietzsche sua ética aristocrática, seu culto do ‘super-homem’”. O fascismo alemão de Hitler também aproveitou algo de Nietzsche” (Konder, 2008, p. 60).

Ainda com relação ao nazismo, os valores racistas eram canalizados (não apenas, mas principalmente) contra a comunidade judaica. Segundo Norberto Bobbio e Sandro Ortona:

Depois de 1918, uma gravíssima crise, que não é apenas econômica, se abate sobre a Alemanha. O rancor das camadas médias arruinadas e dos ambientes militares desocupados e humilhados procura, de qualquer jeito, uma via de escape. Milhões de pessoas, durante tantos anos confiantes na invencibilidade das armas alemãs, não podem convencer-se, agora, da derrota. Começa a divulgar-se, pouco a pouco, a absurda suspeita de que a guerra foi perdida, não por demérito do exército nacional, mas por obscuras conjuras internas e internacionais: as latentes tradições anti-semitas do povo alemão refloresceram para acreditar na ideia de que foi o capitalismo internacional hebreu o verdadeiro artífice da derrota (Bobbio; Ortona, 1998, p. 43).

Em 8 de novembro de 1938, o “Diário de Notícias” publicou a coluna “Colônia Judaica”, assinada por Onésio da Motta Cortez. O cronista alegava ser radicalmente contrário à “organização de colônias judaicas em nosso paiz”, uma vez que as colônias “assim coesas, puras, sem quaesquer mesclas, como são as colônias judias, não convem ao nosso paiz, ainda em formação” (Cortez, 1938). Além disso, o povo judeu era (mesmo que em argumentos hipotéticos) apresentado como “um povo explorador, que só sabe viver como intermediário, tirando proveito do trabalho alheio” (Cortez, 1938).

Finalmente, algumas ações fascistas locais também foram divulgadas pelos jornais ribeirão-pretanos ao longo da década de 1930. Em 8 de janeiro de 1935, o “Diário da Manhã” publicou uma notícia intitulada “A Befana fascista: levada a efeito domingo, na Dante Alighieri alcançou raro êxito”. Segundo a reportagem, teriam comparecido à “tradicional festa” as damas do Fascio Feminino e da comissão feminina “Dante Alighieri”, além de “mais de mil creanças” (A Befana..., 1935).

De acordo com Gelson Leonardo Rech, a Befana Fascista era “uma celebração em favor das crianças carentes instituída pelos fascistas e comemorada no dia da Epifania, em 6 de janeiro” (Rech, 2016, p. 7). Nas festividades da Befana Fascista, “havia a doação de brinquedos, roupas e doces. A data faz alusão ao mundo cristão que comemora a apresentação (epifania) de Jesus menino perante os reis magos que o presentearam” (Rech, 2016, p. 7). Tais festejos foram celebrados na Sociedade Dante Alighieri de Ribeirão Preto, fundada em 1910. Tal sociedade adotava como princípios “a congregação da colônia italiana e o desenvolvimento de relações com as demais colônias italianas, através de atividades culturais, desportivas, recreativas e beneficentes” (Tuon, 2010, p. 57-60). Conforme Patrícia Furlanetto, a Sociedade Dante Alighieri “viria a ser o espaço de articulação da elite

italiana na cidade, que se encarregaria da constante reelaboração da memória italiana” (Furlanetto, 2007 *apud* Tuon, 2010, p. 60).

Em 8 de maio de 1935, o “Diário da Manhã” publicou a reportagem “Sobre a Itália: será amanhã exibida linda pellicula no antigo teatro Santa Helena”, segundo a qual seria projetado em Ribeirão Preto – e sob o patrocínio do consulado italiano citadino – o filme “*Camicia nera*”, ostentado como “um magnífico histórico cinematographico do fascismo, desde o seu advento até 1934” (Sobre..., 1935). Na mesma sessão, também seria exibido o filme “O discurso de Mussolini em Milão”, “em que o Duce dirige uma de suas vibrantes orações a cerca de meio milhão de operários” (Sobre..., 1935). O filme “*Camicia nera*” (“Camisa negra”, de 1933), dirigido por Gioacchino Forzano:

[...] era uma produção comemorativa dos dez anos da Marcha sobre Roma. Seu enredo tinha o propósito de apresentar uma síntese histórica da ascensão dos fascistas: a Primeira Guerra Mundial veria a Itália como vencedora, mas o Tratado de Versalhes terminaria despojando-a do triunfo. Os soldados italianos voltavam das trincheiras quase escondidos, para deparar-se com o desemprego. O Estado parlamentarista burguês mostrava-se incapaz de solucionar a crise social. Perante esta situação, Mussolini liderou a Marcha sobre Roma, e da luta política realizava-se uma resenha dos primeiros dez anos do governo fascista (Pereira, 2003, p. 107).

Acerca de “O discurso de Mussolini em Milão”, podemos observar a seguinte estratégia propagandística fascista: a contraposição entre as imagens “dos políticos conservadores tradicionais, com seus fraques e cartolas, muitas vezes apoiando em bengalas seus vultos pálidos e senis” *versus* o “Duce”, cuja personificação era cheia de “vitalidade, viajando frequentemente de avião e ditando por telefone os artigos diários destinados aos leitores do seu jornal. No lugar da polida oratória parlamentar, impôs-se o discurso enérgico, de agitação, pronunciado ao vivo em múltiplos comícios” (Konder, 2008, p. 47-48).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar, mesmo que sucintamente, que diversos impressos ribeirão-pretanos – tais como “Diário da Manhã”, “A Tarde” e “Diário de Notícias” – divulgaram, ao longo da década de 1930, impressões congratulatórias ao nazi-fascismo europeu, extrapolando o mero (e ilusório) caráter informativo dos escritos jornalísticos. Também verificamos que a presença do fascismo em Ribeirão Preto sobrepujava as páginas dos jornais, materializando-se em ações concretas e abertas de divulgação e celebração.

Tais manifestações eram, provavelmente e não apenas, estimuladas pela substancial presença de imigrantes italianos e de seus descendentes na outrora “capital do café”, consubstanciando um cenário político-ideológico complexo e candente, acrescido de simpatizantes e entusiastas das ideias propagadas pelo “Duce” e pelo “Führer”, as quais eram celebradas pelos jornais citadinos como símbolos de esperança e força em um mundo impactado pelas crises decorrentes das guerras e das quebradeiras econômicas, as quais cindiram as crenças otimistas que haviam animado a “Belle Époque Caipira” em seus esforços para modernizar-se.

REFERÊNCIAS

A saga do impresso em Ribeirão Preto. 2019. Disponível em:
<https://tribunaribeirao.com.br/downloads/especialimpresso1.pdf>.
Acesso em: 07 jan. 2024.

BIGAZZI, A. R. C. **Italianos**: história e memória de uma comunidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BOBBIO, N.; SACCOMANI, E. Fascismo. In.: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (org.). **Dicionário de política**. 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 466-475.

BOBBIO, N.; ORTONA, S. Antissemitismo. In.: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (org.). **Dicionário de política**. 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 39-45.

BOTTOMORE, T. (org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CASALECCHI, J. E. **A proclamação da república**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DOIN, J. E. M. *et al.* A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) — a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 91-122, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbh/a/RmdDfyx3GHhqJV7M58r6Lvr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jan. 2024.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FRANÇA, J. L. **Mulheres, imprensa e sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13909>. Acesso em: 07 jan. 2024.

GENTILE, F. A “Carta del lavoro” fascista: um modelo para o Brasil nacional-desenvolvimentista de Getúlio Vargas. **Revista Urutágua**, n. 36, 98-118, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/39358>. Acesso em: 07 jan. 2024.

GIARDINA, A. O mito fascista da romanidade. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10320>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa, 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTTER, L. M. **Imigração italiana em São Paulo (1880 - 1889):** os primeiros contatos do imigrante com o Brasil. São Paulo: IEB/USP, 1972.

KONDER, L. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAGES, J. A. **Ribeirão Preto revisitada.** Ribeirão Preto/SP: Nova Enfim, 2016.

MANDEL, E. **Sobre o fascismo.** Lisboa: Antídoto, 1976.

MELLO, R. C. de. **Um “coronel de saias” no interior paulista:** a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920). UNESP/FHDSS. Franca, 2009.

PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAZIANI, R. R. Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República. **Tempo**, v. 10, n. 19, p. 175-200, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/S3YThkgZrkfqwBdryBPnwqs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PEREIRA, W. P. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2716/2253>. Acesso em: 07 jan. 2024.

PIRES, J. M. **O desenvolvimento econômico de Ribeirão Preto: 1930-2000.** 2004. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/pdf/adm04202110.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

RECH, G. L. Refeições nas escolas étnicas italianas e escolas públicas de Porto Alegre (1930-1940). In: Reunião Científica Regional da Anped: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, 2016, Curitiba/PR. **Anais do XI Anped Sul**, 2016, p. 1-17. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo1_GELSON-LEONARDO-RECH.pdf. Acesso em: 06 jan. 2024.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1972.

ROCHA, P. M.; ZAUITH, G. **Jornalismo e modo de produção**: as transformações dos impressos no nordeste do estado de São Paulo. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

SANT'ANA, A. M.; DE SOUZA, R. F. A Educação nas Páginas da Imprensa Católica (Ribeirão Preto-SP, 1949-1959). **Acta Scientiarum Education**, v. 38, n. 2, abril-junho, 2016, p. 121-130. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3033/303345372003.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico**: um século da imigração italiana no Brasil. Trad. Maria Rosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel, Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989.

TUON, L. I. **Italianos em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

VOVELLE, M. A Revolução Francesa e seu eco. **Estudos Avançados**, 1989, (p. 25-45).

WALKER, T. W.; BARBOSA, A. S. **Dos coronéis à metrópole**: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto/SP: Palavra Mágica, 2000.

Fontes impressas

A Befana fascista: levada a efeito domingo, na Dante Alighieri alcançou raro êxito. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 8 jan. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

A Itália antes e depois de Mussolini. **A Tarde**, Ribeirão Preto, 16 mar. 1936. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CORTEZ, O. M. *Carta del Lavoro*. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 24 fev. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CORTEZ, O. M. Colônia Judaica. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 8 nov. 1938. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

GRELLET, A. Mentalidade nova. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 31 ago. 1933. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MURDOCCO, A. J. A nova Itália. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 14 jun. 1933. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

PICCHIA, M. D. Fascismo e hitlerismo. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 1º jun. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Sobre a Itália: será amanhã exibida linda pellicula no antigo theatro Santa Helena. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 8 maio 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Um grande estadista. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 12 fev. 1939. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Um homem dinâmico: Hitler quer trabalhar mais e dormir menos. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 maio 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Uma data gloriosa da Itália: em 23 de março de 1919, Benito Mussolini installou na terra dos Césares o actual regime progressista da grande nação amiga. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 23 mar. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).